



MULHERES SEM TETO

EM SITUAÇÃO DE RUA





MULHERES SEM TETO EM SITUAÇÃO DE RUA

REALIZADO PELA ESTIMAR INSTITUTO DE PESQUISA SOCIAL



Elas não são do lar,
donas de casa, domésticas
ou domesticadas.

Elas
não têm endereços,
não têm casas,
não têm tetos.

Elas estão
em situação
de rua.

Quem são essas mulheres que vivem nas calçadas e praças da cidade de São Paulo ou acolhidas temporariamente em albergues e pensões?

Segundo o censo¹ da população em situação de rua no município de São Paulo, em 2015, de um total de 15.905 pessoas nessa condição, 2.326 (15%) eram mulheres.

Mas, para além dos números, queríamos ouvi-las. E saber:

- Que casa deixaram para trás?
- Como se organizaram na rua, sendo mulheres?
- Quais suas apreensões, estratégias, expectativas?

Conhecê-las não foi fácil como imaginávamos inicialmente – o território rua tem suas próprias regras. Se elas estão logo ali na esquina, sentadas ou deitadas no chão, a qualquer hora do dia ou da noite, não significa que estejam sozinhas, sem compromissos ou disponíveis para um bate-papo. Foi necessário um processo de aproximação.

Assim, entre maio e outubro de 2018, visitamos 14 projetos sociais, participamos de ações voluntárias, conhecemos outras pessoas que nos ajudaram nesse trajeto. Só então, a partir de um roteiro não estruturado, realizamos entrevistas em profundidade, gravadas, com 30 mulheres, incluindo 10 transgêneros, que vivem em situação de rua na região central de São Paulo.

Foram aproximadamente 10 horas de escuta. Muitas histórias, memórias, lágrimas, risadas, olhares quase sempre desviantes, ora vagos, ora brilhantes. Enfim, relatos da vida de 30 mulheres com quem, como tantas outras, cruzamos todos os dias por aí, perto de casa, do trabalho, no farol.

Acreditamos que esta pesquisa possa somar-se a outros debates e reflexões que vêm revelando os desafios das mulheres – seja no espaço doméstico, no ambiente de trabalho ou, inclusive, em situação de rua.

¹ RELATÓRIO COMPLETO DO CENSO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO (https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/00-publicacao_de_editais/0001.pdf)

O QUE VEM A SEGUIR

Essa é uma pesquisa, qualitativa, sobre mulheres em uma condição de máxima vulnerabilidade, sem teto, em situação de rua.

E o que vem a seguir são suas narrativas, percepções de suas vidas nas ruas e também do tempo em que moravam em suas casas, com as famílias. Suas fragilidades e formas de resistência. Suas lembranças – do que perderam, do que lhes tiraram, e de como se adaptaram a esse território. Do que foram, do que são e do que ainda querem ser.

É o retrato de um grupo específico – mulheres, adultas, sem teto, que vivem em situação de rua na região central do município de São Paulo –, mas bastante heterogêneo, com diferentes idades, nível de escolaridade variado, origens sociais diversas. Algumas de poucas palavras, outras, donas do verbo.

No processo de análise das entrevistas, foram-se evidenciando similaridades e particularidades das narrativas. E para relatá-las optamos por nos apoiar integralmente em suas falas. Às vezes, palavras ou frases curtas foram suficientes para explicitar o que pretendiam, mas, em outros momentos, para conhecê-las, foi preciso se alongar.

O conteúdo das entrevistas foi subdividido em oito blocos, relacionados ao lado

I	A vida entre quatro paredes	11
	Apresentando-se	12
	A casa que deixaram para trás	14
II	Chegando na rua	19
	De cara com a rua	20
	Adaptando-se	21
	Organizando-se	22
	Albergue	23
III	À margem, novas relações	25
	Relação com os homens em situação de rua	26
	Relação com outras mulheres em situação de rua	27
	Relação com a sociedade	28
	Trabalho na rua	30
	Informação	31
IV	Elas resistem	33
	Violência	34
	Drogas	35
	Relação com a Polícia	37
	O pior da rua	38
	Estratégias de sobrevivência	40
V	Elas existem	41
	Cuidar da saúde	42
	Como lidar com a menstruação e o período fértil	43
	Maternidade – uma questão delicada	44
VI	Elas insistem	47
	Afeto	48
	Vaidade	49
	Lazer	52
	Sonho	53
VII	Por fim	55
	Algo de bom?	56
	Contato com a família	57
	O que elas desejam	58
VIII	In_Conclusão	61



A VIDA ENTRE QUATRO PAREDES

São mulheres sem teto e estão em situação de rua, mas que, antes disso, tinham casa e família, e uma história que lhes pertence.

Quem são essas mulheres
Qual a idade? De onde vieram?
Estudaram? Trabalharam?

Que casa deixaram para trás?
Como era a vida entre quatro paredes?
Quais lembranças trazem dessa vivência?

APRESENTANDO-SE

As idades variam de 18 a 82 anos – em média, 37 anos. As mulheres trans são mais jovens, com 25 anos em média.

Entre as 30 mulheres, apenas 4 tinham a pele branca e 3 apresentavam fortes características indígenas; as demais eram negras.

A maioria (18) nasceu no Estado de São Paulo, grande parte (10) na capital. As que vieram de outros Estados moram em São Paulo há muitos anos; somente 4 entrevistadas chegaram há menos de 1 ano.

Embora uma parte delas tenha tido pouco acesso à escola – 3 disseram ser analfabetas e 3 estudaram menos de 4 anos –, a maioria (16) chegou ao ensino médio. Dessas, uma parcela considerável (9) conseguiu concluir essa etapa do ensino e 2 passaram pelos portões universitários.

Muitas revelaram prazer com os estudos, mesmo as que reconhecem não ter sido boas alunas – “Eu ficava numa escola dois, três meses, depois passava pra outra. Era sempre assim, uma troca de escola, mas eu adorava estudar” -, e atração pelos livros: “Gostava muito de Português. Gosto de ler e escrever. Tanto é que eu estou sempre com um livro, olha” [mostra um livro na sacola que carrega].

Mesmo em situação de rua, houve quem conseguisse estudar: “ Eu estudava mesmo morando na rua, eu ia pra escola ”. E quem ainda mantivesse o desejo de continuar os estudos: “ Eu gostava de estudar. Ainda tenho vontade de fazer faculdade de educação física ou veterinária ”.

Para algumas, o abandono da escola se deu por questão econômica – “ Estudei até a 8ª série, aí tava difícil, fui trabalhar como doméstica para ajudar meu pai ” – mas também por causa das drogas – “ Eu parei no último ano do colegial. Eu gostava, mas aí com o lance das drogas... ”. Ou por medo de preconceito: “ Estudei até o 1ª ano do ensino médio, larguei porque eu virei travesti e fiquei com receio dos meus amigos ”.

A maioria começou a trabalhar cedo: “ Desde os 9 anos trabalhava com o meu pai na feira ”. E teve experiências profissionais variadas, com menor ou maior exigência de qualificação e habilidades sociais. “ Trabalhei de várias coisas, desde casa de família, faxineira, panfletar ”. “ Sempre trabalhei, fiz de tudo: recepcionista, balconista, gerente de loja, motorista de pet shop ”.

Em alguns casos, a experiência profissional ajudou quando se encontraram em situação de rua: “ Fui ajudante de feirante. Todo mundo fala: nossa, você fala tão bem! Acabei aprendendo uma maneira de sobreviver: manguear¹ as pessoas ”. Em outros, o trabalho acabou encurtando o caminho entre a casa e a rua: “ Trabalhei mais de um ano como professora. Depois, vim trabalhar numa boate em São Paulo. Foi quando eu conheci as drogas e acabei na rua ”.

Identificação das entrevistadas que será usada neste relatório

Nomes*	Idade	Nomes*	Idade	Nomes*	Idade
Aretusa	33 anos	Etra	27 anos	Maia	51 anos
Ariadne	35 anos	Gaia	26 anos	Melíade	25 anos
Atena	59 anos	Hebe	47 anos	Melissa	23 anos
Bia	21 anos	Helena	45 anos	Nice	47 anos
Cassandra	50 anos	Hemera	33 anos	Nix	35 anos
Cirse	30 anos	Hera	24 anos	Penélope	23 anos
Clóris	82 anos	Ilíone	37 anos	Selene	58 anos
Dafine	20 anos	Irene	33 anos	Tália	59 anos
Dione	30 anos	Íris	24 anos	Téia	18 anos
Dóris	40 anos	Leda	34 anos	Thêmis	44 anos

*Para preservar a identidade das entrevistadas, os nomes foram trocados por nomes da mitologia grega

¹ Pedir ajuda material, podendo usar artifícios enganosos ou não.

A CASA QUE DEIXARAM PARA TRÁS

Embora únicas, as lembranças das entrevistadas em relação à vida no espaço doméstico indicam situações recorrentes, muitas vezes entrelaçadas, mas que, grosso modo, podem ser relacionadas em quatro grupos.

- 1 » Violência doméstica;**
- 2 » Dependência química;**
- 3 » Preconceito por identidade de gênero;**
- 4 » Projetos de autonomia**

Ao longo de suas histórias, observa-se, ainda, fatos que abalaram a estrutura familiar e que marcaram suas vidas, como a morte de uma pessoa de referência (pais, avós, marido) e a descoberta do falseamento de laços de parentesco (adoção ou maternidade trocada).

1 » Violência doméstica

Ao recordarem suas vidas antes da situação de rua, parte dessas mulheres relata histórias de violência doméstica. Se, em suas casas, vivenciaram alguns bons momentos, trouxeram de lá também profundas cicatrizes, marcas de violência física, psicológica, sexual, em que seus corpos, seus desejos, suas histórias foram dolorosamente desrespeitados.

“ Morava eu, meu pai, meus cinco irmãos e a mulher que eu achava que era minha mãe. Agora eu fiquei sabendo que ela não é minha mãe, que é minha tia. Mas quando meu pai era vivo a gente era muito unido, aonde um ia o outro ia atrás. Perdi meu pai com 11 anos. Quando ele morreu, no cemitério ela já estava com o amante dela. Eles começaram a me espancar. Por causa desse padrasto eu fui mandada embora e fui viver uma nova vida. Eu estava com 16 pra 17 anos.”
(Thêmis)

“ Eu me casei três vezes. Meu primeiro marido levantava da cama, nem escovava os dentes e já ia pra um bar, era viciado em jogo de baralho e dominó. O meu segundo companheiro me atacou, me deu socos na cabeça, acho que ele devia estar noiado, quase me manda pro cemitério, fiquei três dias internada. Já sofri violência sexual, eu tomava calmantes, hoje eu não tomo mais, por medo de tomar e ser atacada, porque ele me estuprou dormindo. Meu ex-marido, o terceiro, era ruim pra mim, me batia,

me trancava em casa, eu era uma prisioneira. Quando ele faleceu, eu fiquei sozinha, tiraram meus filhos, os dois pequenos. Eu me revoltei e saí da cidade.” (Cassandra)

“Tenho 45 anos, isso segundo a minha mãe, mas eu descobri que eu não sou filha da minha mãe. Com 18 anos meu pai me colocou pra fora de casa porque eu arrumei um namorado. Aí eu fui trabalhar numa boate. Lá eu conheci um homem, me casei, ele era bem mais velho, tinha muito ciúmes. Voltei pra casa dos meus pais com um filho no colo, uma na barriga, tive neném e com 10 dias de dieta vim trabalhar na boate. Eu casei de novo, tive outro filho, meu marido vivia bebendo, não trabalhava, me batia. Quando eu vim pra rua de vez, eu falei: chega, basta de neguinho nas minhas costas, só queriam saber da água, luz, perua escolar. Ninguém se preocupava se eu estava bem, se tinha almoçado, como foi o meu dia. Minha vida era um inferno. Quando eu fazia programa eu era muito mais bem tratada do que era pelo marido.” (Helena)

“Eu morava com a minha família, aí eu tive um problema de abuso do meu padrasto e meu irmão. Um dia, vi no Jornal Nacional que na FEBEM ficavam crianças abusadas. Peguei as minhas coisas e fui pro Rio de Janeiro. Uma parte eu fui andando e uma de carona, aí fui abusada, jogada pra fora do caminhão. Cheguei lá e pedi para uma policial: me leva pra FEBEM e ela levou. Fiquei um ano e vim pra São Paulo, fui parar no foco do crack, isso em 1978. Eu fui acolhida por duas traficantes, que me ensinaram a pesar a droga. Elas foram presas e eu comecei a morar na rua e vender crack. Em 2000 eu fui presa, foi quando eu experimentei o crack, dentro do DACAR de Pinheiros [Unidade Prisional]. Depois eu não consegui parar mais.” (Maia)

2 » Dependência química

Para algumas entrevistadas, foi o contato com as drogas, ainda muito cedo, que iria impactar na formação de suas identidades e alterar profundamente suas relações familiares.

“Com 12 anos já comecei com o crack, não foi cigarro, não foi cachaça, nem maconha, foi o crack. Experimentei de bobeira, fumei e gostei. Aí eu ia atrás, fugia da escola. Eu conheci meu ex-marido eu tinha 13 anos e ele 18, ele vivia preso. Nós ficamos juntos, paramos de usar droga, ele

comprou casa, tivemos um filho, aí ele foi preso de novo, roubando. Com a prisão dele, eu com bebê pequeno, eu me vi numa situação muito confusa. Eu não sei lidar com as minhas emoções. Aí eu fujo da realidade e vim pra rua. Porque eu nunca usei droga na minha cidade, eu morro de vergonha. Nunca deixei a família ver, assim sofre menos. Eu amo a minha mãe de paixão, amo, amo, amo muito.” (Penélope)

“ Morava com o meu pai, minha mãe e minha irmã. Na infância e adolescência era muito tranquilo, a questão da sexualidade nunca pesou. Com a droga tudo muda, o temperamento muda, a gente vai se afundando cada vez mais. Aí vêm as perdas. Eu comecei a usar com 14 anos, eu comecei com cocaína mesmo. Passei a roubar a carteira do meu pai, as coisas da minha mãe, a vender as minhas coisas. Eu vi que estava demais, foi a primeira vez que eu pedi ajuda pra minha mãe e ela me internou. Eu já tive diversas internações, 12, 13 internações. Das primeiras vezes, eu pedi ajuda para internação, mas da última ela que me expulsou de casa. Inclusive quando a minha mãe foi viajar, eu fiquei na casa dela e comecei a vender tudo, aí a minha irmã me interditou, chamou a polícia.” (Melíade)

3 » Preconceito por identidade de gênero

Outra questão marcante na memória, aqui no caso das mulheres trans, é a presença do preconceito em relação a sua identidade de gênero. Percebem, muito cedo, as censuras, explícitas ou veladas, dos seus modos, dos seus jeitos e trejeitos e se convencem de que a busca por essa identidade só é possível da porta para fora.

“ Morava com a minha avó, que já me criticava pelo meu gênero, pelo meu jeito desde criancinha. Um dia, quando tinha 9 anos, eu peguei o barquinho em Belém e falei: vou enfrentar o preconceito da rua e ver no que vai dar. Fui para uma cidade chamada Itaituba do Pará, onde uma mulher me pegou para morar com ela e terminar os estudos. Ela tinha uma tradição religiosa, também me cobrava. Eu terminei o ensino fundamental e aí eu conheci pessoas diferentes, igual eu. Fui morar com a família de uma dessas pessoas e fiz o ensino médio. Durante todo esse percurso, eu fui me transacionando, tomando hormônio, cuidando dos cabelos, tive essa liberdade, enfim, o que foi muito bom. Comecei a pular de cidade em cidade, em casas de cafetinas, acabei em São Paulo. Aqui conheci uns lugares bem legais, diferentes e saí dessa vida de prostituição, porque machuca demais o corpo, a alma, a mente.” (Dione)

“Eu nasci no bairro Butantã, morava com a minha mãe, meu padrasto e meu irmão. Quando a minha mãe faleceu, meu padrasto me expulsou de casa, me ofereceu mil reais, e não quis me dar a parte da minha mãe. Primeiro eu fui morar com amigos, não deu certo. Daí eu fui pra casa da minha tia, ela queria que eu fosse da igreja, eu me batizei, sabia todos os louvores, mas eu tinha que ir todo dia pra igreja de terno e gravata. A coisa mais gay no meu corpo era o cabelo liso. A gente tava brigando muito. Então, eu pensei: Meus pais já morreram. O que eu vou fazer? Vou ser o que eu sou, então eu fugi, fui morar na rua.” (Téia)

4 » Projetos de autonomia

Algumas narrativas revelam também casas sem violência, sem interferência das drogas, sem preconceito aparente, mas onde sonhos de liberdade e projetos de autonomia não se concretizaram:

“Eu sempre falava: mãe, vou pra São Paulo. Ela falava: para com isso, sua cidade é aqui. – Não, mãe, eu quero conhecer São Paulo. Quando eu tinha 15 anos eu vim. Fui morar numa pensão que tinha 33 meninas. Eu fazia só o meu trabalho [prostituição] à noite. Tinha uma vida de luxo, de comer comida boa, os meus perfumes, minhas roupas. Mas depois de três anos conheci o crack...” (Bia)

“Eu morava com a minha família. Eu tenho só pai, minha mãe morreu. Aí eu decidi morar com o meu namorado, não deu certo, não consegui pagar o aluguel devido às dificuldades, do desemprego. Aí aconteceu de eu morar na rua.” (Leda)

“Morava com os meus avós, a relação sempre foi boa, tive uma infância normal, não tinha muito conforto, mas nunca faltou nada, foi tranquila. Me casei e depois de um tempo me separei, não por problemas, só acabou. Meus avós já tinham falecido. Fui para casa de conhecidos, mas a convivência não era fácil, eu não era mais criança, era diferente. Então, eu fiquei numa situação complicada, eu estava fragilizada, não estava conseguindo me manter, o trabalho não estava me sustentando mais. Fui para um albergue, num sistema de acolhimento.” (Cirse)



CHEGANDO NA RUA

O que difere essas mulheres de tantas outras com vivências semelhantes é que, por falta de condições pessoais ou apoio público, elas não conseguiram fazer satisfatoriamente a transição do ambiente doméstico original para outro. Ficaram sem teto.

E como é, sendo mulher, reconhecer-se sem teto, em situação de rua?

Como essas mulheres se adaptaram e organizaram suas rotinas nesse novo território?

DE CARA COM A RUA

Se, para muitas das entrevistadas, cruzar a porta significou um alívio – pelo rompimento com violências, descasos, conflitos–, chegar às ruas não foi fácil. Os relatos sobre os primeiros sentimentos expõem medo, tristeza, desamparo, vergonha.

Foram sentimentos difusos:

Para quem entendeu que perdeu tudo

“Agora você mexeu num ponto forte [chorou]. Quando eu me deparei com a calçada, eu pensei: caramba, véi, olha aonde eu cheguei. Não tenho mais nada, mais ninguém, tô seca, suja, tô com fome.” (Melíade)

Para quem não entendeu nada

“Quando eu cheguei na rua, eu fiquei confusa, mas aí eu cheguei em algumas pessoas falando que queria beber, experimentar droga.” (Dafine)

As emoções se embaralhavam.

Algumas tinham medo

“Eu tinha medo, né, de me pegar, e me dar umas facada, a gente se apavora. Uma época que jogava álcool, né? Eu tinha muito medo.” (Clóris)

Tinham frio

“Eu dormia no Masp da Paulista. Era difícil por causa do frio, época de chuva. É uma coisa muito dolorosa.” (Íris)

Vergonha

“No começo, eu fiquei com vergonha.” (Hera)

O corpo sofre o impacto

Estavam no limite

“Um mês depois que eu saí da minha casa, o meu dinheiro de prostituta acabou. Era 4h30 da manhã, eu tava com droga pra caramba, tava com tanto sono que eu dormia em pé, eu caía, tombava. Eu tava na rua.” (Helena)

ADAPTANDO-SE

Passado o primeiro impacto, é preciso sobreviver: comer, dormir, tomar banho. É necessário conhecer esse novo território, a rua, não mais como espaço de passagem, mas de moradia.

E nesse explorar, as mulheres vão transitando entre o desconhecido e o acolhimento.

Veteranos indicam o caminho das pedras.

“Como você conhece outros usuários, eles vão te levando e você vai conhecendo os locais, porque tá todo mundo no mesmo sofrimento.” (Ilíone)

“Fui pedindo ajuda para as minhas colegas trans. Tipo: amiga, onde você vai dormir? E elas: vamos dormir comigo, na minha maloca.” (Téia)

“Foi muito difícil, meu cabelo era bem compridão e virou um nó, tive que cortar. Com a convivência com outras pessoas que moram na rua foi que eu aprendi os lugares onde comer, tomar banho, dormir.” (Aretusa)

O acolhimento pode vir também de quem nunca teve essa vivência, mas que as reconhecem como vizinhas.

“Tinha uma moça do prédio ao lado e pedi uma coberta. Ela falou: nossa, você está sem coberta? E com aquele gesto, eu passei a me sentir bem e não sai mais dali. Ficamos amigas” (Melíade)

“Eu fui passando nas casas e pedindo, falei onde eu moro, o meu jeito, já fui explicando e as pessoas me ajudaram. Até hoje eles gostam de mim.” (Dafine)

ORGANIZANDO-SE

Na rua, as atividades cotidianas – como dormir, tomar banho, comer – são fragmentadas, instáveis, precárias.

Para sobreviver, as mulheres vão contando com um serviço oferecido pela prefeitura aqui, o apoio de uma ONG ali, uma doação de quem passa ou mesmo de algumas atividades, lícitas ou ilícitas.

Organizam-se com o que têm

“Logo que eu cheguei na rua, eu comprei uma barraca, morava debaixo do viaduto. E ia no São Martinho [Centro de Acolhimento], lá eu comia, tomava meu banho, lavava roupa, cuidava de mim.” (Cassandra)

Com a ajuda dos que passam

“A gente pedia em frente ao Mac Donald da Paulista. Pedia comida porque alimentação é a parte mais difícil, tem gente que prefere jogar fora, mas tem quem ajuda.” (Íris)

Algumas organizações que vão até elas

“Às vezes tem doação. Ontem mesmo veio dois ônibus da Universal, deu roupa, sapato, manta, comida, tudo.” (Dóris)

Vende-se drogas para defender um pernoite

“Eu dormia na rua, aí voltei pro tráfico e comecei a dormir nas pensões.” (Maia)

Um programa pode render um banho

“Se fizesse um programa e o homem pagasse um hotel, dava pra você usar o banheiro e fazer a higiene normal.” (Leda)

Às vezes, tem uma forcinha da natureza

“Quando eu estava lá no Tietê eu ia até a vala do rio, ali tem uma bica com uma água limpinha, dava para tomar banho.” (Melissa)

ALBERGUE

O albergue - espaço municipal para acolhimento de pessoas em situação de rua - é pouco usado pelas entrevistadas. Algumas nunca o frequentaram, por desconhecimento ou por falta de interesse. Mas muitas utilizaram e não se adaptaram.

Seja pela rigidez das regras:

“O atendimento é bom, mas é bem rígido. Você tem que entrar até 7 horas da noite e às 6 horas da manhã tem que sair, faça chuva ou sol.” (Aretusa)

Por não acolher casais:

“A gente fica no mesmo ambiente, mas fica separado na hora de dormir. É difícil.” (Irene)

Por ser um equipamento mais voltado para atender às necessidades masculinas:

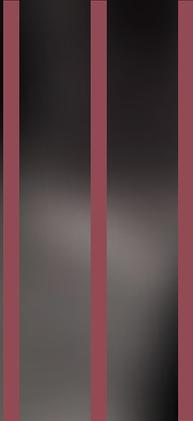
“A maioria dos albergues é só para homens. Quando atende mulher, é misturado. As mulheres sofrem muito em relação a assédio.” (Penélope)

Ou até mesmo pela difícil convivência com outras pessoas em situação de rua.

“Não gosto de albergue, porque só dá noias. Quando a gente vai dormir, roubam todas as coisas da gente.” (Cassandra)

Entre as entrevistadas, poucas utilizaram o albergue de forma mais sistemática e por uma longa data. Embora se sintam mais protegidas nesse espaço, elas expõem as limitações dessa política e a dificuldade de superação da situação de sem teto.

“Eu tive sempre uma trajetória de albergues, sai de um albergue, entra em outro, lutando, batalhando para conquistar o meu espaço, a minha casa, o meu quarto, mas tudo em vão.” (Atena)



À MARGEM, NOVAS RELAÇÕES

Elas não têm endereço, não são contadas pelo IBGE. São invisibilizadas. Cruzam a fronteira social e estão à margem da sociedade. Estão marginalizadas.

Nesse novo território, como elas se relacionam com os homens em situação de rua? E com as mulheres?

Nessa nova posição, como são tratadas pela sociedade?

Nessa condição de precariedade, ainda buscam por trabalho?

Nessa situação de exclusão, ainda se interessam pelo que acontece na sociedade da qual estão marginalizadas?

RELAÇÃO COM OS HOMENS EM SITUAÇÃO DE RUA

A relação dessas mulheres com os homens em situação de rua não é fácil. Embora façam ressalvas, grande parte delas considera que esses homens são agressivos, exploradores. Nessa relação, segundo elas, é preciso se impor, com firmeza, ou ter força física, como as trans.

“É difícil conviver com os caras de rua, alguns querem que as mulheres vão fazer programa, roubar para dar dinheiro para eles. São folgados.” (Tália)

“É muito difícil. Se você não tiver uma voz de autoridade, eles botam você no esquema, pra arrumar dinheiro, batem, estupram.” (Maia)

“Eu vejo que tem ciúmes, homem batendo em mulher. Com a gente que é trans, querendo ou não, a gente tem força de homem.” (Nix)

Destacam a droga com um potencializador dos conflitos.

“A mulher é muito vulnerável, mais frágil. Os homens usam a droga para seduzir a mulher.” (Aretusa)

“Não tem muito respeito, principalmente pra gente que usa droga. Oferecem um trago e já acha que vai conseguir comprar a gente.” (Melissa)

Elas percebem que, geralmente, o respeito está condicionado à presença de um companheiro.

“Mulher casada eles respeitam. Agora, se for solteira, que sai com um e com outro...” (Dóris)

“Comigo eles são super respeitosos, porque eu sou casada. Ter um companheiro ajuda.” (Hera)

O que – lembra uma das entrevistadas– apenas reflete a sociedade tradicional.

“Colega, não é diferente do mundo do outro lado de lá. Homens na situação de vulnerabilidade, como eles vão tratar uma mulher na mesma situação? Existe violência, sim, falta de respeito. É complicado.” (Dione)

RELAÇÃO COM OUTRAS MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA

Se no convívio com os homens, há ressalvas e ponderações, no que diz respeito à convivência com as mulheres, há quase uma unanimidade: a relação é inviável.

Segundo as entrevistadas, existe muita disputa, ciúme, agressividade e falta diálogo. Embora tenham dificuldade para explicar o porquê dessa hostilidade, dão algumas pistas, como:

O fato de haver poucas mulheres nesse universo, o que dá a elas mais visibilidade, aumentando a rivalidade.

“Aí você pegou, com as mulheres a relação é mais difícil ainda. É muito ciúme, uma quer ser mais bonita do que a outra, mais chic que a outra.” (Maia)

“Não tem muito clima. São pouquíssimas mulheres, uma disputa enorme. Querem ser umas melhores que as outras. Eu não entendo isso.” (Penélope)

Pesa ainda o temor de perder o companheiro para outra mulher (lembrando que, na rua, os homens exercem também uma função de segurança)

“Ah, dá muita encrenca, por causa de marido, de macho. Não tem como ter união, mulher é muito folgada.” (Ilíone)

“Tem preconceito, quando chega pessoa de fora, fica tudo com o pé atrás, as que são casadas já começam a vir pra cima. É preciso dialogar.” (Melissa)

Há ainda a questão da droga.

“Ah, é muita briga, muita. É aquilo: eu sou melhor, eu posso mais. Tudo gera briga, treta, principalmente quando estão drogadas.” (Melíade)

“Com algumas dá para dialogar, mas outras a droga já afetou tanto a vida delas que você fala um bom dia e elas já te olham de forma agressiva.” (Gaia)

Algumas mulheres não percebem atritos porque mantêm-se distantes.

“É uma relação tranquila, eu não dou confiança pra elas, então elas me respeitam. Só cumprimento: bom dia, boa tarde.” (Hera)

Mas há quem ache que sororidade também é possível nesse território

“Existem momentos de identificação e simpatia. Porque para conquistar uma amizade, tanto trans quanto as mulheres mesmo, é um pouco sofrido, mas a luta eu acho que é a mesma. A gente precisa querer se relacionar, para não criar conflitos, porque existe violência.” (Dione)

RELAÇÃO COM A SOCIEDADE

Medo, desprezo, nojo. É assim que as mulheres em situação de rua percebem o olhar da sociedade sobre elas. E desses olhares cruzados, nascem sentimentos de desconforto e ódio.

“Tem muito preconceito, tem mulher que vê a gente e se encolhe toda, abraça a mochila, segura a mão de criança.” (Melissa)

“Olham de um jeito que é triste, dói. Às vezes gera um ódio.” (Ilíone)

“Uns olham com cara feia, outros com cara de nojo. Incomoda.” (Ariadne)

“Eles olham como se a gente fosse um cachorro, a sujeira da cidade.” (Aretusa)

As mulheres trans consideram que essa sociedade já as condenou, antes de elas chegarem às ruas, com as oportunidades que lhes foram negadas.

“Quando eu terminei os meus estudos, se a sociedade tivesse me dado uma oportunidade, eu poderia estar contando uma outra história hoje.” (Dione)

“A sociedade é podre, preconceituosa. Se o morador de rua tivesse mais trabalho, teria menos morador de rua.” (Gaia)

“É um olhar de crítica, mas ser um usuário não é fácil, essas pessoas são doentes. É preciso aproximar, quebrar as barreiras de medo.” (Íris)

Uma vez na rua, é difícil arrumar emprego.

“Outro dia eu ia fazer uma faxina, indicada pela Mundial [igreja]. Quando eu cheguei, a moça me dispensou. Eu saí dali chorando.” (Tália)

“Tem muito preconceito, até com as mulheres de albergue, muita discriminação, é difícil arrumar emprego.” (Atena)

E até a mídia ajuda a criar o estigma de que pessoas em situação de rua são perigosas.

“Os programas de televisão bombardeiam a gente toda hora. Outro dia, naquele Caso de Família [programa do SBT], foi um casal, a mulher conheceu o rapaz na rua, casou, teve uma menina e estavam com um probleminha, era só eles procurarem um terapeuta de casal, pastor, ia ficar tudo bem. Mas sabe o que aquela Cristina, que é jornalista, falou? Olha aqui, também você foi pegar um morador de rua pra casar e ainda por cima ter uma filha. Foi como me enfiar uma faca. Eu pensei: meu Deus, ela falar isso, com tanta violência que já existe em relação aos moradores de rua.” (Selene)

TRABALHO NA RUA

Embora estejam fora do mercado formal de trabalho, a maioria das entrevistadas tem alguma atividade além de manguear (pedir).

Muitas se beneficiam do comércio de reciclagem, garantindo uma renda para completar ou substituir o que ganham mangueando.

“Na rua, só catando papelão. Pra manguear eu preciso ter alguma coisa na cabeça, careta eu não consigo.” (Hemera)

“Cato reciclagem também, já vou mangueando e juntado reciclagem. Ontem mesmo eu estava indo pra rua Augusta manguear e achei um saco enorme de alumínio, vendi por 30,00. Eu ainda estou com os meus últimos reais aqui, porque eu diminui bem a droga, não uso desde anteontem. Então, dá para viver, compro um cigarro, um doce, refrigerante.” (Penélope)

Estão sempre atrás também de algum bico, que, além de dinheiro para pequenos gastos, lhes dão a sensação de não acomodação, de alguma inserção.

“Dá para fazer um programa, uma faxina. Eu não fico só aqui, vou a outros lugares, tenho muitos conhecidos. A pessoa tem que correr atrás, não pode se acostumar com essa vida.” (Aretusa)

“Tem gente que mangueia, vende bala no farol. Dá para levantar uma graninha, que é onde você começa a se levantar e sair dessa vida.” (Íris)

“Eu ajudo o meu marido aqui a descarregar o caminhão, arrumar as caixas, ai eu consigo um dinheiro, compro umas bolachas, uns salgadinhos.” (Ariadne)

“Às vezes faço tapete nas telas, antes de terminar já tem gente querendo comprar. Eu pego malha no Bom Retiro.” (Tália)

O trabalho sexual é sempre uma alternativa de renda para essas mulheres.

“Eu me prostitui esse final de semana.” (Etra)

E há quem consiga um trabalho fixo, mas ainda instável.

“Fiz um curso de cuidadora na prefeitura. Cuido de um rapaz com deficiência, ele é alcoólatra e noia também. Ele paga um quarto pra mim, me tirou das ruas. Faz três dias que ele não aparece. Vou esperar ele até vencer o aluguel, se ele não aparecer eu vou embora.” (Cassandra)

INFORMAÇÃO

Elas podem estar à margem da sociedade, mas não estão alienadas – gostam de se informar, saber o que está acontecendo,

Estão conectadas, sempre buscando espaços onde possam acessar internet, atrás de informações, de serviços gratuitos.

“Uso internet do Sesc. Você leva o RG e pode usar 1 hora.” (Íris)

“Gosto de estar bem informada. Eu tenho um celular e vou onde tem wi fi.” (Cirse)

“Gosto de biblioteca, lá tem internet, livros, sempre levei os meus filhos. O que eu não podia pagar, eu ia logo pesquisar.” (Selene)

Além de internet nos Sescs e lan houses, vão atrás do jornal gratuito MetroNews ou dão uma passadinha em bancas para ver jornais e folhear revistas. Vale também ouvir conversar dos outros para saber o que está acontecendo.

“Gosto de ver o jornal, pego o MetroNews lá na estação do metrô, é de graça. Gosto de política, futebol, sou Cruzeirense.” (Irene)

“Paro nas bancas. Tem uma banca que o cara nem liga, pego revista por revista, sento e vou lendo. Vou em lan house, saio fuçando.” (Melissa)

“As pessoas estão conversando, eu procuro ouvir; tá passando uma notícia na tv, eu já paro e pergunto: nossa, o que aconteceu?” (Penélope)

Assistir TV é mais difícil, mas tentam saber o que está acontecendo na política, ligadas no futuro. E também gostariam de acompanhar uma novela.

“Gosto de TV, mas no albergue não dá pra escutar. Gosto de saber o que está acontecendo na política, como está a rua, como está o mundo.” (Bia)

“Eu gosto de assistir jornal, mas nunca dá. Eu queria acompanhar uma novela.” (Hemera)

Às vezes, um velho e bom radinho é suficiente.

“Eu assisto Voz do Brasil todos os dias, eu ouço no meu radinho.” (Helena)

E há algumas, poucas, que no momento, não se interessam pelo que acontece além do quarteirão.

“Eu não sei de nada, nem que dia é hoje, porque a gente se perde. Estou completamente por fora e não está me interessando.” (Nice)

“Sinceramente, não sei se é a abstinência, mas não consigo mais ficar focada.” (Melíade)



W

ELAS RESISTEM

Na rua, marginalizadas, as mulheres estão expostas a todo tipo de hostilidade.

Como elas percebem
e vivenciam a violência?

E as drogas, como surgem
e afetam as suas vidas?

Polícia – como se dá essa relação?

VIOLÊNCIA

Em situação de rua, as mulheres são vítimas de todo tipo de violência: física, psicológica, sexual. Por todos os motivos: ciúmes, disputas, drogas. De todos os lados: dos companheiros, de outros moradores de rua, da sociedade. E essa violência tende a ser invisível, até para a própria Polícia. Elas estão sozinhas.

Segundo as entrevistadas, é um território com suas próprias regras:

“É uma violência tremenda, física e psicológica. É uma selva. Se for dormir num lugar onde uma pessoa já dormia, já tem confusão.” (Gaia)

“Eu vejo o cara socando a menina, ninguém pode fazer nada porque, na lei deles, é assim que funciona. Eu estou aprendendo isso agora.” (Nice)

“A mulher na rua fica com um cara que bate, toma o dinheiro dela. Não tem segurança, nem de polícia, nem do próprio cara que tá com ela.” (Atena)

E a violência cometida pela Polícia também se perde nas ruas vazias:

“E tem aquele papo de agressão da polícia, principalmente no inverno, quando não tem ninguém por perto.” (Melíade)

A agressão pode vir de muito perto ou de muito longe:

“A gente não confia na outra mulher da rua, né? Ela também tá jogada que nem eu, então eu tinha medo da outra, né?” (Clóris)

“Você tá dormindo e esses playboyzinhos muito loucos, farinhados, que passam, botam fogo, jogam bagulho, água na gente.” (Dóris)

Lembram que a bebida e a droga tornam as mulheres ainda mais vulneráveis:

“A mulher na rua fica desprotegida, ainda mais para aquelas que bebem. A mente já fica meio assim, querendo mais, e o corpo fica fraco.” (Dafine)

E que elas não têm saída, quando o protetor é também o agressor.

“É doloroso, porque albergue pra mulher não tem. Sem um companheiro, você fica vulnerável na rua, estupro. Mas eles também agriem.” (Ilíone)

Sem desconsiderar a violência nas ruas, uma entrevistada lembra que a violência contra mulher se dá em qualquer espaço:

“É muita violência, mas não é só na rua, não. Eu já convivi com patroas que levavam murro na cara, dos maridos. No ambiente de trabalho também tem assédio sexual, o chefe quer comer a menina mais bonitinha. Na escola também. Não pode ter uma menina, uma mulher mais bonita que vira a chacota dos caras. O assédio sempre vai ter, não só na rua.” (Selene)

DROGAS

A droga é um marco importante na vida das mulheres em situação de rua, que afeta suas relações, cria estigmas junto à sociedade e à Polícia. Embora uma parte considerável, aproximadamente um quarto das entrevistadas, afirme não ser usuária, a maioria delas se assume, sim, como dependentes químicas.

Pelos relatos, percebe-se que grande parte dessas dependentes começou a usar droga muito cedo, aos 12, 13 anos. Conheceram com amigos, vizinhos, namoradinhos, irmãos. Começaram com maconha, bebida, mas foi com a cocaína e principalmente com o crack que elas perderam o controle.

“Meu irmão me apresentou essa desgraça, eu tinha 11 anos. Da primeira vez, usei crack misturado com cigarro, não me deu nada. Até que eu conheci o beijo do capeta, quando usei o cachimbo. Tô nessa há 12 anos” (Melissa)

“ Eu me lembro até hoje, eu tinha 12 anos, cabulei aula, a diretora descobriu, ligou para minha mãe, eu fiquei na rua, com medo de ir pra casa. Uma pessoa falou assim: ah, quer experimentar uma pedra? Eu não sabia que pedra era crack, inocência de criança, e minha mãe ainda falava: nunca use crack, seu pai usa crack. Mas pra mim pedra e crack eram diferentes. Eu fui, fumei e gostei. Aí eu ia atrás, fugia da escola.” (Penélope)

“ Comecei a usar cocaína com 14 anos, aos 18 eu conheci o crack e não larguei mais. Eu acho o crack mais pesado, causa uma dependência e uma abstinência maior, mas já fiz coisas por cocaína que eu nunca fiz por crack. Maconha, eu nunca gostei. E beber, muito, muito. Cheguei a trocar chinelo por um copo de cachaça.” (Melíade)

“ Eu tinha 16 anos, conheci com o pessoal do bairro mesmo. Primeiro maconha, depois cocaína, beber, aí foi indo, foi indo. Eu sou usuária de crack, estou em tratamento, mas às vezes eu recaio.” (Ilíone)

Uma parcela significativa das mulheres trans conheceu a droga por meio do trabalho de prostituição.

“ Comecei com as drogas trabalhando na rua. São várias noites que a gente vira e o pó era o combustível. Comecei a cheirar horrores, perdi o controle.” (Téia)

“ Conheci a droga trabalhando na rua, com cliente. Cocaína, maconha, depois o crack. O crack foi onde mais eu caí, mais me rebaixou.” (Hera)

Independentemente de quando e de como começaram a usar droga, com o uso excessivo vieram as perdas.

“ Acabei perdendo o serviço. Passava semanas só fumando, virada.” (Irene)

“ Gastei tudo com a droga. Teve uma época que eu só comia ração de cachorro porque não tinha o que comer.” (Nice)

“ Quando eu comecei a fazer programa pra usar droga, eu entendi: eu tô no fundo do poço, bem lá embaixo mesmo.” (Aretusa)

A luta para deixar as drogas é constante. Algumas já passaram por internações:

“ Dá última vez, eu fiquei 10 meses internada numa clínica particular, fui até convidada para ser monitora. E aí, foi mais forte, pisei na bola de novo.” (Nice)

E, na maior parte do tempo, estão tentando driblar o vício do jeito que podem.

“Nos apegamos ao poder superior de Deus, dos Orixás e tivemos força pra sair dessa, tem três meses que eu e meu marido não usamos.” (Gaia)

Nessa luta, reconhecem a importância do apoio institucional:

“Depois que comecei nesse projeto De Braços Abertos, a prefeitura paga uma diária de hotel pra mim e alimentação, eu maneirei bem nas drogas. Vou voltar pra faculdade.” (Íris)

Mas há momentos em que a droga fala mais alto:

“Eu amo a minha mãe de paixão, ela é tudo, depois de Deus. Mês passado eu voltei pra casa dela. Só que eu fiz uma burrada, ela me deu a última oportunidade da vida, pintou o quarto, comprou televisão, fez tudo pra ver o que ia dar e eu fiquei lá uma semana. Não consegui. A droga...” (Penélope)

É uma batalha diária:

“Todos os dias eu mato 10 leões por causa disso. Todos os dias as pessoas me oferecem bebida, droga e eu não participo.” (Etra)

RELAÇÃO COM A POLÍCIA

As opiniões das mulheres sobre a relação com a autoridade policial são divergentes. Parte delas acredita numa relação pacífica, considerando que a abordagem da Polícia /CGM (Guarda Civil Metropolitana) fica dentro dos limites aceitáveis, incluindo até atitudes de conformidade e quase submissão:

“Eles dão batida normal. Eles perguntam: tem alguma coisa cortante? Eu falo: Olha, tem uma tesoura. Eles: deixa no chão. Já era. Eu não vou bater boca porque eles tomaram minha faca. É normal, é o serviço dele.” (Maia)

“Eles estão parando, te revistando? É o serviço deles! Mas se eu achar ruim, eles não falam nada, eles me conhecem, sabem de onde eu sou.” (Dafine)

“Dependendo do lugar que a gente estiver dormindo, a polícia chega, fala pra sair. No meio de briga, bebida, um xinga, eles acham que é desacato. Mas tirando isso, a pessoa não estando mexendo com droga, tudo bem.” (Hemera)

Outra parte das entrevistadas (principalmente as trans) considera que a atuação policial extrapola suas funções. Percebem, nas abordagens, preconceito por serem trans e desrespeito às usuárias de drogas, tratando-as como “noia”.

“A Guarda humilha muito a gente, chama de lixo. Pra eles, a gente não é usuária, é tudo noia, não presta pra nada.” (Íris)

“Ali não tem papo, eles tomam documento, agridem. Não tem policial feminina, mas eles revistam assim mesmo, xingam, dão bicuda, jogam a nossa reciclagem fora.” (Ilíone)

“A gente trans tem um pouquinho mais de problema do que as mulheres mesmo. Já levei umas cozinhas bonitas, apanhei legal dos homens.” (Melissa)

E há quem encare o conflito:

“São podres. Um deles falou assim pra mim: você está indo pra onde? Eu falei: Pra que você quer saber? Vai tomar no **. Aí o outro falou: cuidado com essa bolsa aí, a senhora está toda arrumada. Ele não sabia que eu era noia. Quando a outra abriu minha bolsa, tinha uma revistinha que o pastor me deu. Ela disse: tô vendo que a senhora vai na igreja. E me deixou ir.” (Tália)

“Recentemente eu estava dormindo na praça 14 BIS, a GCM me acordou chutando, invadindo a minha privacidade em relação à minha imagem, tirando fotos. Eu disse: já que o senhor é uma autoridade, que está fazendo o que quer, eu, que sou uma cidadã, também vou fazer o que eu quero. Aí eu taquei uma laranja no peito dele. Eles acham que são autoridade e podem fazer o que querem, oprimir, mentir. Aí eles pediram os meus documentos. Eu disse: você não tem autoridade para isso, você viu como você me abordou? É uma falta de respeito, na forma de abordar não só a travesti, como outras pessoas que estão na mesma situação. São ridículos.” (Dione)

O PIOR DA RUA

Quando questionadas sobre o pior da rua, algumas avaliam que o frio, e principalmente a chuva, são difíceis de suportar, mas a maioria coloca novamente a violência em posição de destaque, sempre acompanhada da droga.

A violência relatada aqui, porém, é um tanto mais sutil, referindo-se mais à hostilidade que permeia as relações dentro do próprio território, onde se sentem permanentemente expostas ao desrespeito, à covardia, às traições.

“O pior de tudo é a violência. Existe um desrespeito, as mulheres são tratadas como um objeto.” (Aretusa)

“A violência, falta de respeito com o próximo. Parece que ninguém preocupa com ninguém. Ninguém está bem com ninguém.” (Irene)

“De pior eu acho que são as brigas, a covardia. Vão na maloca do outro, dá facada, joga fogo. Às vezes, quem faz isso é o próprio morador de rua.” (Hemera)

“As traições, tem muitas, não dá pra confiar em ninguém. A gente que é da rua vê muitas coisas que as pessoas não veem. Muita coisa de ruim acontece.” (Bia)

“É você dormir e não saber se vai acordar no outro dia, se vai estar vivo ou não.” (Téia)

“O pior na rua é a maldade. É desconhecer quem está sorrindo pra você, que pode ser sua pior inimiga. E a droga está por trás de tudo.” (Melíade)

A droga, sempre presente, alimentando o vício.

“Pra mim, o pior é o assédio em cima do vício. Eles sabem que eu sou viciada, e vão querer me usar porque eu sou viciada.” (Penélope)

“O pior é a droga. Na rua, é muito mais fácil conseguir droga do que comida.” (Gaia)

Mas, para algumas, nada pior do que os dias de chuva e frio.

“A pior coisa é quando faz frio, mano. Até quando a polícia ataca nois não é tão ruim, viu? Porque já é uma adrenalina.” (Helena)

“Chuva. Dia de chuva é o pior dia pra quem mora na rua. O frio também.” (Íris)

“Fome, frio, chuva, sol, falta de banho, falta de roupa, falta tudo. Não é uma moradia.” (Atena)

ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Para sobreviver nesse território, com tanta violência e desrespeito, as mulheres criam as suas estratégias:

Masculinizar a própria aparência pode ajudar a manter os homens afastados:

“Aí comecei a vestir roupa de homem, que é um costume até hoje. É uma estratégia.” (Maia)

“Alguns homens são ruins, alguns querem explorar, só que como eu sou metade homem, metade mulher, eu já comando.” (Dafine)

Manter uma certa discrição também ajuda a não se meter em encrencas:

“A gente bicha gosta mais de ficar no nosso cantinho. É pra não surgir briga.” (Bia)

“Viver bem na rua é do jeito que eu vivi e vivo: não julgue, não condene, feche a boca e não ultrapasse o seu limite.” (Selene)

Mas se a encrenca for inevitável, é bom saber brigar:

“Na vida a gente aprende: quem bate mais, apanha menos.” (Melissa)

Às vezes, é melhor só do que mal acompanhada:

“Eu prefiro até evitar amizade, selecionar. Não que eu seja chata, mas é uma questão de proteção.” (Penélope)

Ou ter um companheiro, mas que imponha respeito:

“É bom ter uma pessoa firmeza do lado, mas não um pé de cana ou um noia, que aí não é respeitado.” (Gaia)

E agir como os gatos – durma durante o dia e à noite, fique alerta:

“É melhor dormir durante o dia, quando tem gente na rua. E a noite ficar acordada.” (Hemera)

Em alguns casos, dar uma de louca também ajuda:

“A gente precisa dar uma de doida, mas de doida a gente não tem nada. Quando eu chego, as pessoas falam: cara, não mexe com essa mulher, ela é louca. Ela é assim com o PCC. Eu falo: tá falando de mim, é? Já cuidou da sua vida hoje? Vai cuidar da sua vida, senão eu lhe arrebento. Duvida?” (Tália)



V

ELAS EXISTEM

Corpos femininos, maltratados, machucados,
sujos, que reproduzem.

Como cuidar da saúde,
em situação de rua?

Como lidar com a menstruação?
Com a anticoncepção?

Maternidade na rua
– como vivenciá-la?

CUIDAR DA SAÚDE

Se a atuação da polícia divide opiniões e a política dos albergues é considerada inadequada para esse público, o atendimento do setor de saúde é bem avaliado pelas entrevistadas.

Elas registram a presença e o acolhimento das equipes do projeto Consultório na Rua, que as encaminham ou as acompanham aos Postos de Saúde ou hospitais. Destacam também o acesso a clínicas de reabilitação.

“Tem o Consultório na Rua, com enfermeiros, médicos. Eles conversam, apoiam, estão sempre do seu lado. Se você vai fazer um exame, se vai ao médico, eles te acompanham. Tem um apoio bacana da saúde.” (Íris)

“O governo, quanto a isso, cuida bem das pessoas de rua, tem até clínica de reabilitação que eles pagam por um mês. No hospital, você explica a sua situação de rua e eles te atendem, mesmo sem documentos.” (Penélope)

“Pelo o que eu estou vendo, tem o Consultório na Rua para as pessoas que estão acolhidas em albergue.” (Cirse)

Elas reconhecem que nem sempre procuram, mas que o serviço de saúde está permanentemente disponível:

“Só vou quando tô muito derrubada, a gente não pensa nisso. Mas o pessoal da saúde é um amor, se eu chegar lá com algum problema, machucada, é na hora.” (Melíade)

“Eu estava cuidando da minha saúde, mas tive uma depressão e acabei parando. Mas se precisar de um médico, eles atendem.” (Nix)

Poucas se referiram à exigência de comprovante de endereço¹ para serem atendidas no sistema público de saúde.

“Eu não consigo marcar um ginecologista. Eu tive câncer no colo do útero quando eu estava presa e não tenho como marcar por causa de comprovante de endereço.” (Ilíone)

COMO LIDAR COM A MENSTRUÇÃO E O PERÍODO FÉRTIL

Todos os meses, muitas dessas mulheres têm que lidar com o ciclo menstrual. Para conseguir absorvente higiênico, contam com a ajuda de pessoas e organizações sociais ou conseguem comprar. Quando não conseguem, roubam ou improvisam.

“Quando eu tô menstruada, venho aqui, elas ajudam pessoas em situação de rua. Eu tomo banho, elas me dão absorvente e até roupa.” (Dafine)

“A sorte é que tem umas pessoas que dão absorventes. Quando não tem, a gente se vira com pedaço de pano, qualquer coisa, vai se virando.” (Ariadne)

“Às vezes a gente manguieia na porta do supermercado, faz uma reciclagem e compra ou rouba, é o jeito.” (Ilíone)

¹A Lei 13.714, de 2018, assegura o atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS) de famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade ou risco social, mesmo que eles não apresentem comprovante de residência.

Mensalmente, essas mulheres precisam também conviver com o ciclo fértil. E para se prevenir de uma gravidez, elas utilizam preservativo que ganham. Podem, ainda, colocar chip anticoncepcional, disponibilizado pelos profissionais do Consultório de Rua. Algumas, no entanto, preferem a abstinência sexual.

“Pra evitar filho, a gente usa preservativo. Vários lugares dão, de graça, pra quem se preocupa com a saúde, mas mesmo assim tá correndo risco.”
(Hemera)

“As agentes de saúde rua direto oferecem um chip par evitar gravidez.” (Irene)

“Eu prefiro não estar me relacionando.” (Cirse)

MATERNIDADE – UMA QUESTÃO DELICADA

Entre lágrimas, sorrisos e fotos, as mães falam dessa relação delicada, de separação, conflitos, saudades e planos.

Muitas dessas mulheres foram mães cedo, antes dos 18 anos, e tiveram muitos filhos – até seis –, nem sempre planejados, mas, segundo elas, muito amados.

“Meu primeiro filho, eu tinha 14 anos.” (Hemera)

“No primeiro casamento, tive um filho por ano: Victoria, de 1996; a Verônica, de 97; Gustavo, de 99. Em 2007, foi o Josué. Depois Mateus, que é de 2011, e a Isabel é de 2015. E agora estou grávida de novo.” (Dóris)

“Já tinha dois filhos, arrumei um namorado e em menos de um ano já engravidei dessa minha filha.” (Aretusa)

“Graças a Deus, meu filho é benção.” (Selene)

A maioria chegou às ruas sozinhas. Uma parte delas deixou os filhos com parentes, mas dizem manter vínculos afetivos, falando deles em termos carinhosos.

“Meus filhos são a razão da minha vida, com todos os meus erros. Eu visito eles sempre, ligo pros que moram no Rio.” (Dóris)

“Meu filho tem 2 aninhos. A minha mãe está cuidando dele, graças a Deus, mas eu visito sempre.” (Penélope)

Às vezes, há uma quebra nessa relação:

“O meu primeiro filho está com 18 anos e nem olha pra minha cara.”
(Hemera)

Algumas perderam, definitivamente, seus filhos para os pais, por meios legais ou não.

“Eu tinha problema com drogas e não tinha moradia. Aí eu perdi a guarda da minha filha pra Justiça. Ela ficou no albergue infantil e depois foi ficar com o pai. Eu fui presa. Nunca mais tive notícias dela.” (Ilíone)

“Quando eu ainda era nova, apareceu uma pessoa pra mim, ele era casado, eu não sabia. Ele alugou uma casinha pra mim e eu fiquei grávida dele. Quando a menina estava com três anos, ele veio, esperou eu sair, passou a mão na menina e levou ela embora. Quando eu cheguei, a criança já não estava mais lá, fiquei só. Ele levou a menina, criou, não tinha filho com a mulher. Ele trabalhava na Ford, ganhava bem, então...” (Clóris)

Duas das entrevistadas estavam em situação de rua, mas acolhidas (uma em albergue e a outra em um cômodo de madeira emprestado), junto com os filhos. E relatavam a manutenção de uma rotina de cuidados.

“No cômodo que a gente dorme não tem banheiro, mas sempre consigo água pra dar banho nela [a filha de 2 anos].” (Ariadne)

“...quando me mudaram de albergue, eu tinha que levantar 3.30 da manhã, pra levar minha filha na escola. Eu ficava com ela no ponto escuro, com muito medo, mas eu rezava: Deus, ainda que eu morra nessa batalha, mas ela parar de estudar, não vai não!” (Selene)

Duas das entrevistadas tiveram os seus filhos em situação de rua, e eles foram encaminhados para adoção.

“Eu cheguei na rua grávida, pré-natal eu não consegui, mas minha gravidez foi normal, graças a Deus. O parto foi fora da época. No dia, eu ia usar droga, mas ela começou a mexer dentro da barriga e eu não usei, acho que era um aviso. Eu senti muita dor, aí uma amiga me levou pra hospital. Foi parto normal, uma menina, ela foi para a UTI. A primeira vez que eu fui lá dar de mamar, eu escutei uma música gospel “Deus é fiel”. Meu coração começou apertar [chora]. Toda vez que eu escuto essa música, meu coração aperta, pensando nela. Na última vez que eu fui, me falaram que eu tinha que arrumar os documentos, senão eu ia perder ela pro conselho tutelar. Eu corri atrás, mas não deu certo, eu não tinha o dinheiro da passagem. Ela foi pro conselho tutelar, eu assinei.” (Dafine)

“Foi muito difícil engravidar na rua. Eu tive que fazer um acompanhamento, ficava internada direto. No fim, esse bebê veio de sete meses, com síndrome de down. Claro que a assistente social não ia entregar esse filho pra mim. Eu em situação de rua, o pai desapareceu. Como eu ia criar esse filho no meio da rua? Não tinha condições. Eu achei por bem eles terem tirado, mas não aceitei eles darem a criança pro meu filho. Meu filho é meu inimigo número 1, ele nunca aceitou a minha separação do pai dele, falava que o pai era bom, mas era um viciado em jogo. A assistente social entregou para esse meu filho porque ele tem condições financeira. Eu fiquei chateada porque eu preferia que fosse pra uma pessoa estranha do que ficasse com o meu filho.” (Cassandra)

E uma entrevistada estava grávida.

“Eu já deveria ter começado o meu pré-natal, ainda não fui. Com a gravidez, eu enjojo, não consigo usar droga e se eu beber, passo mal. Eu continuo dormindo na rua. Só vou pro albergue, tomo banho, me alimento e durmo na rua. A assistente social está tentando achar um albergue de casal. Se achar, eu vou, por causa da criança também. Ela acha que talvez consiga por eu estar gestante.” (Dóris)

Mesmo falando do apoio da assistente social, revela ter medo de perder a criança.

“Eu morando na rua, vão tomar a criança de mim. Tenho uma amiga, moradora de rua que teve nenê e tiraram dela.” (Dóris)

Alheias ou não ao debate dos profissionais de saúde, da justiça e até mesmo da sociedade sobre a questão da maternidade de mulheres em situação de rua¹, o “relógio biológico” dessas mulheres também soa e há aquelas que desejam ser mães.

“Aquele pessoal de Consultório de Rua, as agentes de rua, direto me param, querem colocar aquele chip. Eu falo: tô querendo um pra engravidar. Eu estou querendo ter filhos. Já fiz todos os exames, graças a Deus não tenho nada, nem eu nem meu marido. Vou fazer 34 anos semana que vem. Quero ser mãe, não avó.” (Irene)

¹ Sobre essa questão, a Clínica de Direitos Humanos Luiz Gama, da Universidade de Direito de São Paulo, publicou um estudo em 2017. Ver relatório em <https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/Primeira-infancia-e-maternidade-nas-ruas-de-SP-CDH-LG.pdf>



V ELAS INSISTEM

Em meio a tantas adversidades, é possível à
mulher em situação de rua:

Amar?

Ser vaidosa?

Divertir-se?

Sonhar?

AFETO

Na rua também as mulheres têm seus amores, seus encantos, seus desencantos. Os relatos de relações abusivas, que são muitos, ficam apenas nas lembranças de casos antigos. Para os relacionamentos presentes, muitas histórias de aquecer o coração. Nesse campo, há de tudo.

Juntos para sempre:

“Meu namorado não mora comigo, mora perto. Só se ele quiser largar de mim, porque eu não quero largar dele. Fiquei um ano falando com ele no facebook.” (Selene)

“Eu tenho um grande amor na minha vida, já vai pra seis anos. A gente se viu na ocupação, ele gostou de mim. Eu não tinha um habitat certo, e ele começou a se apegar, me respeitar como esposa. Ele também era sozinho, muito judiado pelo mundo, foi onde nós ficamos juntos. Já falei até pra Deus: se um dia Ele me tirar ele... não mais.” (Thêmis)

“Faz quatro meses que estou namorando. Ele também está em tratamento. É uma relação bacana, estou pra casar no religioso, com vestido de noiva.” (Ilíone)

Companheiro compreensivo:

“Esse meu marido me entende mais; quando trabalha, pega o dinheiro e dá na minha mão. Meu ex-marido não, primeiro era a cachaça, depois a casa.” (Ariadne)

Tranquilo, quando não está drogado:

“O problema é a droga, quando está usando você não pode nem falar com a pessoa. Mas, tirando isso, ele é tranquilo.” (Dóris)

Casos antigos e nem tanto:

“Há dez anos conheci um companheiro bem da hora e vivo uma história diferente, muito louca com ele.” (Dione)

“Alguns caras são legais. Por exemplo, meu bofe é. Eu amo ele! Quanto tempo juntos? Desde ontem.” (Téia)

Algum desentendimento:

“Eu tinha um cara, era Deus no céu e eu na terra. As pessoas falavam: você é velha, o cara te dá de tudo, te paga bebida, e você ainda acha que ele é ruim? Ele é louco por você! Eu falava: é problema dele, porque eu gosto de bater. Eu pegava ele e falava: deita lá no chão. Eu sou tipo a Madona. Ele dizia: quanto mais eu vivo com ela, mais eu gosto. Mas não estamos mais juntos, ele começou a ficar agressivo, me bater. Peguei ele com outra, não quero mais.” (Tália)

E desencantos:

“Aí eu conheci um cafajeste, fora os três maridos que tive, e deixei o meu coração se levar por ele. Ele fez a minha mente e fui pra cama com ele. Ele só queria me engravidar e me abandonar na rua.” (Cassandra)

Solitárias ou não:

“Hoje em dia tá muito estranho, os homens estão preferindo outros homens. Mas eu estudo a pessoa antes, se não dá, fica só a amizade.” (Penélope)

“Eu só divido a manta com um amigo nesse friozinho. Não é namoro, é uma parceria. Eu dou atenção pra ele, ele me dá atenção.” (Melissa)

VAIDADE

Mesmo reconhecendo que não estão nos seus melhores momentos, o tema desperta nas entrevistadas um certo apurmar na cadeira, sorrisinhos de modéstia e um puxar pela memória para acessar a autoestima.

Algumas mais, outras menos, todas se disseram vaidosas. Quanto ao que mais gostam nelas mesmas, os atributos da personalidade e os valores ganham destaque. Gostam-se pelo jeito de ser, pela inteligência, honestidade, senso de justiça, ausência de preconceitos.

“Sou mais ou menos vaidosa. O que eu mais gosto de mim? Ah, é o meu jeito, porque assim, onde eu chego, as pessoas gostam de mim.” (Dafine)

“Quando saio gosto de me arrumar. Mas gosto mesmo da pessoa que eu sou. Eu não faço seleções, pra mim, pessoa de rua, todos são iguais.” (Thêmis)

“Eu gosto de tudo, maquiagem, perfume. Simpatia e inteligência são as minhas qualidades. Gosto de ser perfeita em tudo, não gosto de coisa mal feita.” (Leda)

“Eu sou bastante vaidosa. E gosto de mim por dentro, porque eu tento ser a mais honesta possível, o máximo que eu consigo ser.” (Penélope)

“Nossa, tô morrendo por não ter dinheiro pra pintar o cabelo. Mas gosto mesmo é do meu coração. Sou boa, honesta, não discrimino ninguém.” (Nice)

Elas valorizam aspectos que vão além do contorno físico, como o olhar, o sorriso.

“Sou vaidosa. Estou angustiada com um pouco de barba, gosto de me maquiar. Gosto muito dos meus olhos, na verdade, gosto é do meu olhar.” (Melíade)

“Sou vaidosa, na medida do possível. Gosto de meu sorriso. Tô brincando.” [Estava em tratamento para recuperar os dentes, afetados pelo uso da droga].” (Irene)

Algumas revelam o prazer em se produzir.

“Eu sou vaidosa. Gosto de usar roupas de jovem. Eu vou usar roupa de velha? Sai pra lá. Gosto de calça apertadinha.” (Tália)

“Sou extremamente vaidosa. Eu ando bem arrumada, bem ajeitada, bem vestida e meu porte é bem educado. Às vezes, o povo até me manguieia na rua, achando que eu sou uma pessoa rica, por ser toda feita, toda plastificada, toda linda, maravilhosa.” (Etra)

Elas também destacam alguns atributos, como o nariz, os olhos, e até mesmo a bunda, mas o cabelo sempre acaba no topo das atenções, embora nem sempre esteja do jeito que deveria.

- “ Tirando a droga, sou vaidosa. Gosto da minha bunda. Peito eu não tenho nada, mas a bunda, pra 40 anos...” (Dóris)
- “ Já fui um pouquinho vaidosa, mas nesse momento não. [longa pausa]. Mas gosto do meu nariz, não é tão fino, tão grosso, não é grandão, não é pequenininho, é um bom tamanho.” (Cirse)
- “ Muito, muito, muito vaidosa. Hoje, o que eu mais gosto é o meu cabelo, comprido. Me sinto empoderada através dele. E gosto de me maquiar bastante.” (Dione)
- “ Miga, eu sou muito vaidosa, eu me preocupo muito com a minha imagem. Eu agora estou maconhada, estou muito acabada. Eu comecei a amar o meu cabelo cacheado, natural. Antes eu não aceitava ele assim. Eu tinha uma mãe cabeleireira que hidratava e fazia progressiva sempre.” (Téia)
- “ Eu tô bem relaxadinha, mas sou vaidosa. Gosto dos meus olhos e meu cabelo, que tá horrível agora, estava indo ao banheiro dar um jeitinho.” (Hemera)

Mas algumas mulheres se revelaram tristes e deprimidas demais para falar de vaidade:

- “ Sou e não sou vaidosa. Eu gosto de pentear o meu cabelo, de me arrumar. Mas na situação que a gente está é só ter tristeza no coração e pensar.” (Ariadne)
- “ Quando eu estou com depressão não sou vaidosa, não ligo nem pra maquiagem. Quero descobrir alguma coisa em mim que eu goste.” (Nix)

E há quem consiga analisar bem a questão.

- “ Gosto do meu sorriso. É preciso ter a autoestima alta porque a vida na rua não é fácil. As pessoas te humilham, te jogam no chão, te colocam pra baixo de um cachorro. Mexe muito com o psicológico. Como eu estudei um pouco de psicologia, eu tenho uma noção como funciona isso.” (Gaia)

LAZER

E há também os momentos de descontração, porque ninguém é de ferro. Roda de conversa, rolês, barzinho, até churrasco. E ainda alguns programas culturais.

Tem música, conversas e risadas:

“Pra se divertir a gente compra uma cachaça, faz um pagodinho, fica conversando.” (Hemera)

“A diversão é entre a gente mesmo, contar piada, risadas.” (Maia)

“Usar droga e dar risadas. A gente fuma maconha, olha pra cara um do outro e kkk.” (Dóris)

Há quem goste de um barzinho ou só mesmo um rolê:

“Pra me divertir, eu vou pra um barzinho tomar cerveja. Toda quinta-feira é de lei.” (Aretusa)

“Dou uns rolês, uma bebidinha, fumo um baseado, troco ideias.” (Hera)

Às vezes, sai até um churrasquinho:

“Goró na veia, uma cervejinha ou outra. Teve um final de semana que fizemos uma fogueira, fomos no açougue e pedimos sobra de carne e fizemos um churrasco legal, cervejada. E vamos que vamos.” (Melissa)

“A gente coloca chinelos de um lado e do outro, uma bola no meio e vamos jogar. Ou amarra um barbante em cima e joga vôlei. Um pagode, uns baldes, uns tambores e começa a fazer a festinha. Faz até churrasco, pega a madeira, põe pra queimar e põe a carne lá pra assar e bora comer.” (Íris)

E, quando possível, um pouco de cultura:

“Tem o Sesc e outras organizações que levam a gente pra algum passeio, a gente tem um lazer.” (Ilíone)

“Minha diversão é mais ler e escutar música. Eu vou pra uma livraria, gosto de ficar lendo uma história ou outra, passa o tempo.” (Hebe)

“Gosto de livros e tem um teatro que às vezes vem aqui no meio da rua.” (Thêmis)

SONHO

E quando essas mulheres se deitam, seja na calçada, no albergue ou em uma casa improvisada, elas também sonham. Sonham principalmente em ter de novo o controle de suas próprias vidas. Ter suas casas, seus projetos, suas rotinas. Estabilidade para estudar, trabalhar, cuidar dos filhos.

“Ah, meu sonho é esquecer tudo isso. Viver com o meu filho, minha mãe, estudar, trabalhar. Ter minha vida de volta.” (Penélope)

“Voltar a viver, porque eu não estou vivendo, eu estou vegetando. Ter uma casa, acordar, fazer o meu café, aguardar minhas plantas, ter uma vida normal de novo.” (Hemera)

“Eu gostaria hoje de ficar uma pessoa mais estável, quer dizer, ter uma casinha.” (Cirse)

“Eu tenho um objetivo, um sonho, que é ser engenheira civil, esse é o meu sonho.” (Íris)

“Ter um quartinho, trabalhar, voltar a estudar. Ano que vem eu vou voltar. Agora estou dando mais atenção ao tratamento pra não cair mais e viver minha vida.” (Ilíone)

As cenas tradicionais da “família feliz” fazem parte do imaginário de algumas delas:

“Ter minha casa de novo, ter meus filhos perto de mim, eu cozinhar pra eles no final de semana, fazer aquela bagunça, aquele churrasquinho.” (Dóris)

“Voltar a estudar, trabalhar e ser mãe [chora por não poder engravidar]. Hoje em dia, quem é que não sonha ter uma casa, um fogão, cama, ser uma boa dona de casa?” (Thêmis)

“Ter a minha casa, com bastante crianças e que elas me respeitem como mãe, e um pai pra passar ideias certas e eles não deslizarem na vida.” (Leda)

Mas há quem que só deseje se livrar do vício:

“Parar de usar droga, drogadicta eu sei que sempre vou ser, mas queria parar de usar o crack, ele só me afundou, tirou muita coisa boa da minha vida.” (Nice)

“Parar de usar droga é um sonho que eu tenho. Estou um pouco no caminho, não uso há três semanas, mas é muito difícil.” (Aretusa)

Sonho é sonho, seja ele qual for:

Sonhos de transformação

“O sonho que eu tenho mesmo é de me fazer todinha: cabelo, peito, nariz. E estar ao lado da minha família pra mostrar que o que eu sonhei tanto, eu consegui.” (Bia)

Sonho romântico

“Arrumar uma pessoa que me tira dessa. Um amor, porque pessoas já me ajudaram e eu acabo voltando pro mesmo lugar.” (Nix)

Sonho infantil

“Conhecer o parque do Harry Potter, nem é pelo fato de viajar pra fora do país, mas conhecer o parque mesmo, em si.” (Melissa)

Sonho de estrela

“Meu maior sonho é ser cantora, sempre trabalhei com banda. Depois que me estabilizar num lugar, quero ir na televisão, mostrar o que sei.” (Etra)

Um dente e um pouco de música

“Colocar o meu dente e entrar na Tom Jobim [Escola de Música]. Nunca tentei, é muito preconceito... o preconceito sou eu mesma que faço.” (Maia)

Mas, para algumas, o sonho acabou:

“Eu acho que os meus sonhos já se passaram. Eu amadureci muito antes de qualquer coisa, hoje eu só queria a paz. Infelizmente não tenho.” (Dione)

“Não tô muito mais pra sonhar, não. Sim, quero conquistar, tomar posse, acho que todo mundo tem esse direito, nós pobre, muito pobre, não importa se veio da rua, se morou na maloca, em albergue, tem direito a uma moradia nossa. Eu já vi slides de Canadá, de Portugal, até a pessoa que tem problema de saúde mental melhora muito quando tem uma casa. Depois da moradia é o trabalho pra manter, se sustentar, ter sua autonomia.” (Atena)



VIII POR FIM

Nessa trajetória de rompimentos, vulnerabilidade, exclusão, violência, resistência, insistência, resta questionar:

A rua tem, afinal, algum apelo?

Ainda existem vínculos familiares?
Eles podem servir de apoio?

O que, enfim, elas querem?

ALGO DE BOM?

Embora a maioria reconheça que não existe nada de bom nessa vivência de rua, ou que talvez a única coisa boa seja a experiência que lhes ajudará a valorizar a vida fora dela, algumas entrevistadas falam de um sentimento de liberdade que a rua oferece, mesmo que seja ilusório.

Não dar satisfação a ninguém, escapar das responsabilidades domésticas, são atitudes associadas à liberdade que faz parte do imaginário de algumas dessas mulheres.

“O bom da rua é a liberdade, mas a gente paga um preço por isso.” (Dóris)

“Liberdade. Livre entre aspas, livre não, porque eu sou presa pelas drogas. Se não fossem as drogas, eu estaria como um pássaro.” (Maia)

“Sim, a rua é gostosa. Você está livre pra fazer o que quiser. Não tem aquela coisa: eu não vou porque eu tenho que limpar a casa.” (Aretusa)

“A liberdade de sair, voltar a hora que quer, acordar a hora que quer, não dar satisfação a ninguém. Poder cuidar da sua própria vida.” (Íris)

Outras acreditam que a única experiência válida nessa vivência é a confirmação de que a rua não é bom lugar de moradia.

“Ah, véi, acho que a única boa coisa boa é que se um dia você voltar a ter de novo o que perdeu, vai dar valor. Porque isso não é vida.” (Hemera)

“A experiência que a gente leva, que não é bom ficar na rua, é a única coisa. Se alguém fala que é bom é porque a pessoa está naquele êxtase, ela perdeu a noção do que é a realidade.” (Penélope)

“Com essa experiência na rua, eu tenho vontade de escrever um livro, porque eu sei que tudo isso que eu estou vivendo é passageiro, tudo vai voltar ao normal, vou conquistar tudo o que eu perdi.” (Téia)

E a maioria não tem dúvida: não há nada de bom nessa situação.

“Não tem nada de bom, na rua só aprende coisa que não presta.” (Gaia)

“A meu ver, não tem nada de bom, seja na rua, seja em albergue, não tem alegria, felicidade.” (Atena)

“Rua é a rua, não tem lado bom. Mesmo que o outro compartilha com você um prato de comida, é ruim, você está na rua.” (Ilíone)

CONTATO COM A FAMÍLIA

Mesmo em situação de rua, pouco mais da metade das entrevistadas ainda preserva vínculos com a família.

Parte delas mantêm um canal aberto com parentes, apostando na possibilidade de um dia retornar para casa, mas acreditam que, antes, precisam mudar.

“Ligo sempre pra minha família. Mas para voltar pra casa eu tenho que mudar, me estabilizar em relação à droga. Meus pais estão cansados desse vai e volta. Eu sofro, meus filhos sofrem, todos sofrem.” (Aretusa)

“Eu mantenho contato, mas prefiro só voltar quando conseguir deixar a prostituição. Eles gostam de mim, mas não aceitam o que eu faço. Mas é para sobreviver, são poucas as trans no mercado de trabalho. Tem quatro meses que estou aqui e até agora eu não arrumei nem para limpar o chão.” (Etra)

“Tenho contato, minha mãe pede para eu voltar. Mas quero voltar uma outra pessoa, com o meu sonho realizado e dar a ela o que ela merece. A minha irmã é engenheira civil, o outro é arquiteto. Só eu que fui desvirtuada, mas Deus tá me encaixando.” (Íris)

Outras só querem voltar:

“ Já pedi ajuda pra minha irmã. Ela me falou: mano, se tu não me contar, como eu vou poder te ajudar? Aí eu criei coragem e falei: que eu comecei a usar crack, deixei me usar, me dominar. Ela falou que ia fazer de tudo pra me mandar uma passagem ainda esse mês. ” (Bia)

“ Ainda falo com a minha família. Gostaria de voltar pra lá, pra Bahia. ” (Ariadne)

Uma entrevistada estava aguardando a chegada da mãe para ajudá-la no processo de ressocialização.

“ Minha mãe chega amanhã, vai arrumar uma pensão para eu ficar e tentar me ressocializar novamente. Tenho muito medo de fracassar de novo. ” (Melíade)

Algumas têm um contato cordial, ocasional.

“ Às vezes bate saudade, eu ligo, mas eles não sabem onde eu estou. ” (Dafne)

Quanto às demais, parte dos familiares próximos já faleceu ou os contatos acabaram se perdendo, talvez temporariamente. Ou não.

“ Não tenho mais contato com os meus filhos, já são adultos, cuidam da vida deles. ” (Helena)

O QUE ELAS DESEJAM

De maneira geral, as entrevistadas acreditam que para se reestruturar precisam de mais oportunidades de emprego e acesso à moradia.

Elas consideram que a oferta de vagas e de cursos profissionalizantes pode facilitar a inserção no mercado formal de trabalho e representar uma ponte para uma vida mais autônoma.

“ Deveria ter mais serviço, com registro. Aí a gente arruma um quartinho, tem várias pensões aí. Nem que eu continue usando a minha droga. ” (Dóris)

“ É preciso um lugar pra recomeçar, um trabalho. Um lugar pra ajudar a incentivar, porque sozinha é difícil. É importante a independência, né? ” (Irene)

“ Acho que elas precisam de mais oportunidade de emprego, mais curso profissionalizante, para que elas pudessem caminhar. ” (Gaia)

Junto com trabalho, elas reivindicam o direito à moradia, em condições acessíveis, que lhes permitam compor um orçamento doméstico que possibilite a incorporação de outras despesas básicas.

“O mais importante é habitação, um cantinho para as pessoas, mas com um valor acessível, porque precisa sobrar pra comida, pro gás. A falta da casinha joga pra rua.” (Selene)

“Moradia e trabalho. Eu já estou com 59 anos, tem muitos anos que eu estou tentando, sofrendo, não consigo um emprego com registro.” (Atena)

“É preciso dar casa para essas pessoas morar. E estudo também, porque tem muita gente analfabeta.” (Tália)

Para além de questões mais pragmáticas, acreditam também na importância de um olhar generoso, observando suas necessidades reais, suas fragilidades, suas demandas de gênero. Iniciativas que deixem as portas abertas, que as estimulem, lhes deem apoio psicológico, apostando nos seus sonhos, valorizando suas aptidões.

É preciso políticas de acolhimento que atendam as diferenças de gênero

“Os homens têm mais privilégio do que as mulheres. Os cursos, o albergue, tudo é pensado para eles. Deveriam ver o lado das mulheres também.” (Hemera)

“Era pra ter albergue só de trans. Tem marido que não gosta de mulher dormir com as bichas. Já sofri pra pegar vaga pra dormir, por ser trans.” (Bia)

E que compreenda as especificidades desse público

“Entender as dificuldades de cada um. Por exemplo, um idoso, um dependente químico, um não usuário, mesmo vulneráveis, cada um tem um problema específico, não dá para generalizar.” (Cirse)

“Deveriam ter mais compreensão com o grupo de rua, tipo, pra fazer o EJA tem que ter documentos, mas é muito fácil perder documentos na rua.” (Melissa)

É necessário ouvir

“A gente quer o quê? Ser ouvida, não somos bichos. A gente quer ser respeitada, ter uma colocação como cidadã. A gente não quer muito.” (Thêmis)

Apostar nos sonhos

“Qual o seu querer, o seu sonho? É uma pergunta que deveria ser feita. Muitas têm medo ou já perderam o próprio sonho. Mas quando você tem um sonho, você pode cair, mas você levanta, aquilo te move.” (Etra)

Acreditar

“Dar uma oportunidade, mesmo sendo um dependente, esteja na calçada, eu vou acreditar em você. Quer se levantar, tentar? Eu vou te ajudar!” (Melíade)

Trabalhar a autoestima

“Depende delas quererem, mas é preciso de um trato porque às vezes a pessoa vive assim e perde até o gosto da vida.” (Hebe)

Tratamento e acolhimento ao usuários de droga

“O maior problema que eu vejo é a droga, o crack. Eu vejo cada uma aqui que dá dó. Elas precisam de ajuda, sozinha elas não saem não.” (Ariadne)

“É preciso acabar com as drogas, a droga é um grande problema pra quem tá em situação de rua. Qualquer um cai, não tem como.” (Hera)

Projetos com portas abertas – acolhimento sem traços de aprisionamento

“Precisa de um projeto com portas abertas, porque tem a questão da droga, sem liberdade, elas vão preferir ficar na rua.” (Dafine)

“Eu não sei, eu nem consigo me ajudar, porque, tipo assim, trancada, eu fico asfisiada, parece síndrome do pânico. Aí eu prefiro a rua.” (Nix)

E ajuda psiquiátrica – a rua adocece

“É preciso ajuda psiquiátrica. Muitos estão na rua também porque têm problemas psiquiátricos. Já têm ou acabam adquirindo na rua, por estar muito tempo na rua, por estar muito tempo nas drogas. A droga e a situação vulnerável adoecem.” (Gaia)



VIII IN_CONCLUSÃO

Algumas evidências, novas perguntas.
Sobre elas, sobre nós.

O conteúdo desta pesquisa nos permite conhecer um pouco melhor as mulheres sem teto que vivem em situação de rua no centro de São Paulo. No entanto, mais do que produzir conclusões, o conhecimento nos remete a novos questionamentos sobre essa condição social.

Os dados levantados nos apresentaram mulheres com idade média de 37 anos (as trans, 25 anos), em sua maioria negras, que ultrapassaram o ensino fundamental.

Das vidas que deixaram para trás, elas revelaram experiências domésticas variadas que, para efeito de análise, foram agrupados em quatro segmentos: Violência doméstica - física, sexual; Conflitos intensos devido à dependência química; Preconceito por identidade de gênero – especificamente no caso das mulheres trans; Lares sem grandes embates, com espaço para projetos de autonomia que, no entanto, não se concretizaram.

Embora as lembranças de suas casas ajudem a compreender um pouco mais as vidas dessas mulheres, não explicam a situação em que elas se encontram.

Grosso modo, essas quatro categorias de ambiente doméstico representam, basicamente, o conjunto dos lares brasileiros. Entretanto, a grande maioria das

mulheres mantêm-se sob um teto - seja por se submeterem às violências e aos conflitos ali vivenciados, seja por encontrarem alternativas de moradia que lhes permitem escapar das agressões ou realizar novas etapas de vida.

Nesse sentido, cabe questionar:

- **Quais as alternativas imobiliárias de que dispõe uma mulher, negra, sem trabalho fixo, em um momento de vulnerabilidade - emocional e econômica -, para recomeçar sua vida?**
- **Qual o valor médio (fora exigências contratuais) do aluguel de imóvel residencial no centro de São Paulo?**
- **E o custo do aluguel (além das exigências contratuais) de imóvel em região periférica + transporte?**
- **Por que o valor da terra, nesse processo de ocupação do solo dos grandes centros urbanos, torna a habitação inacessível, com impactos tão profundos na integridade das pessoas?**

MAS o fato é que essas mulheres, por um lado, não se submeteram à vida que estava dada no espaço doméstico (com violência, conflitos ou apenas por desejo de novos projetos) e, por outro, não conseguiram estabelecer uma ponte para a nova moradia.

Uma vez sem teto, elas não se sentem acolhidas e atraídas pelos albergues da cidade. Na percepção das entrevistadas, esses estabelecimentos oferecem poucas vagas para mulheres. Admitem-se refratárias a rigidez das regras desses locais, principalmente no que diz respeito aos horários de entrada e saída. Avaliam que as políticas, tanto de abrigo como de cursos profissionalizantes e outras ações, são formatadas para o público masculino.

Outra questão percebida é quanto aos limites dessas políticas como promotoras de meios de superação da situação em que se encontram. Tudo isso faz com que muitas delas acabem optando por ficar nas ruas.

Nesta condição, elas enfrentam violências física e sexual, convivem com desrespeitos, covardias e traições, ficam expostas a larga oferta de drogas, que alimentam seus vícios e as tornam ainda mais vulneráveis e marginalizadas.

Soma-se a isso, o olhar discriminador e incriminador da sociedade que, reforçada pela mídia, ajuda a consolidar sua posição de exclusão.

Frente às limitações da política de acolhimento a essas mulheres, que acaba por mantê-las nas ruas, agravando ainda mais o problema, abrem-se questões, como:

- Qual a integração das Secretarias de Assistência Social e da Habitação para formulação de políticas que ofereçam a esse público alternativas habitacionais como medidas preventivas à situação de rua, assim como uma porta de saída dessa condição?
- Como a política do município voltada para a população em situação de rua incorpora o público feminino em suas ações?
- Em relação aos albergues, que regras dariam conta de acolher efetivamente esse público – considerando o seu tamanho, sua heterogeneidade, suas especificidades?

EM situação de rua, à margem da sociedade, as entrevistadas falaram de suas vidas em um território que tem suas próprias regras. Tal como no ambiente doméstico, elas estão novamente sujeitas à exploração, à agressão física, psicológica e sexual. São mulheres, negras, que ocupam, culturalmente, pelo gênero e pela cor, uma posição de submissão nas relações sociais. Que chegam às ruas fragilizadas pelas perdas. Mas que são também aguerridas, com forte sentimento de resistência, de insubordinação.

Entretanto, a hostilidade umas com as outras, reveladas por elas, parece desafiar as identidades existentes em suas histórias pessoais, em suas condições de gênero e raça, em suas situações de rua, incitando novas questões:

- Como lidar de forma assertiva com o sentimento de “soberania” num território onde, para cada 10 homens, existem aproximadamente 2 mulheres?
- Quem ganha com a insegurança, a rivalidade, a competitividade das mulheres nesta situação?
- Como podem construir pontes, estabelecer diálogos, buscar sororidade para ações que as fortaleçam dentro da rotina de precariedade e imediatismo em que vivem?

As narrativas dessas mulheres, aqui relatadas, levam a questionamentos sem fim. E dizem muito sobre essas mulheres, mas ainda mais sobre nós, como sociedade, e das políticas públicas que financiamos.

Este relatório e as discussões, as reflexões e os seus desdobramentos estarão no site:

www.estimar.com.br

FOTOS | Arquivo Estimar





